
Considerações sobre a nostalgia

Joaquim Manuel de Macedo

Campinas: Edunicamp, 2004

Saudade sinistra*

Moacyr Scliar

Medicina baseada em evidência: essa é a expressão-chave na pesquisa médica atual. O conhecimento já não depende de autoridade; depende de demonstração e, principalmente, demonstração numérica: como disse o cientista lorde Kelvin, tudo o que é verdadeiro pode ser expresso em cifras.

Assim, se queremos comparar dois medicamentos ou dois procedimentos cirúrgicos, dividimos os pacientes em grupos e observamos os resultados. Testes estatísticos nos ajudam a decidir.

Se a tese “Considerações sobre a nostalgia” fosse avaliada à luz desse conceito, o autor estaria inevitavelmente reprovado. Mas a tese, apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, data de 161 anos: a profissão médica era então coisa inteiramente diferente. Portanto, pode-se até aceitar que tenha sido aprovada, mas a questão se impõe: por que publicá-la agora, como acaba de fazê-lo a editora da Unicamp?

Existem muitas razões para fazê-lo, a começar pelo autor, ninguém menos do que Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), que, no mesmo ano de 1844, lançava, e com tremendo sucesso, o romance *A moreninha*.

Quem conhece Macedo como romancista e como jornalista, professor, poeta, teatrólogo e memorialista talvez se surpreenda ao saber

* Publicado originalmente no caderno Mais! da *Folha de S. Paulo* de 9 de janeiro de 2005.

que ele também era médico (verdade que exerceu a profissão por muito pouco tempo).

Cientificamente falando, *Considerações sobre a nostalgia* não é o bicho. O mesmo se pode dizer acerca do aspecto literário da obra. O que temos aqui é um texto que, misericordiosamente curto, é contudo pomposo, rebuscado; nada que se compare à sobriedade dos atuais artigos científicos e nada que se aproxime do estilo ficcional de hoje. Sob esses dois aspectos, contudo, Macedo reflete o espírito do seu tempo.

Opiniões, não fatos

No caso das teses médicas, temas vagos eram moda. Diz a advertência no início do trabalho: “A Faculdade não aprova nem reprova as opiniões contidas nas teses, as quais devem ser consideradas próprias de seus autores”. Ou seja, tratava-se de opiniões, não de fatos. E o assunto, nostalgia, prestava-se a opiniões, mesmo porque se situa na fronteira entre literatura e medicina.

De modo que, depois de homenagear longamente o pai, a mãe, os irmãos, o primo, os amigos, os professores e depois de admitir que a tarefa proposta era alvo elevado demais para “vão de asas ainda implumes”, Macedo entra no tema, e nós o acompanhamos, felizmente bem guiados. Os dois organizadores desse volume, a historiadora Myriam Bahia Lopes e o historiador, tradutor e poeta Ronald Polito fizeram um excelente trabalho, completando o texto com notas esclarecedoras e, sobretudo, acrescentando um posfácio que, por si só, justificaria a publicação.

“Antes que a enregelada mão da morte venha fazer parar a pêndula da vida, mil vezes o tufão do infortúnio vem perturbar a regularidade de suas oscilações”, diz Macedo. No “tufão do infortúnio” ele inclui a nostalgia, essa saudade do lugar de que se é originário. Começa, como é hábito em trabalhos desse tipo, fazendo um breve histórico do tema, começando com Hipócrates e chegando ao autor que, em seu tempo, dominava o cenário psiquiátrico, Jean Étienne Dominique Esquirol (1772-1840), discípulo de Pinel e um dos precursores da psiquiatria moderna; a ele devemos uma das primeiras classificações de doenças mentais.

Aliás, a influência francesa era dominante na medicina de então; das 38 citações bibliográficas do trabalho, 31 são de livros franceses, e não há nem sequer de obra norte-americana, o que hoje seria surpreendente. Macedo descreve-nos os sintomas da nostalgia, fala-nos de suas causas e até menciona supostos achados em cadáveres de nostálgicos. Para ele, a nostalgia é uma variedade da lipemania, termo que Esquirol usava como sinônimo aproximado de melancolia; mas, enquanto Pinel situa a causa do distúrbio na região do estômago e

dos intestinos, Macedo localiza-a, mais de acordo com os conhecimentos atuais, no cérebro. O certo é que nostalgia, palavra que vem do grego (*nostos*, regresso, *algos*, dor), era uma situação muito estudada em muitos manuais médicos de então.

De outra parte, e aqui entra o Macedo escritor, tanto melancolia como nostalgia eram temas de forte apelo para os românticos. Existem razões históricas para tal.

Em primeiro lugar, a modernidade nasce melancólica; a melancolia era uma reação de espíritos superiores, intelectuais e artistas, diante de uma época caracterizada pelo progresso científico, pelos descobrimentos, pela soberba produção artística, mas também pela ânsia de lucro e de prazer, pela especulação financeira e pela luxúria. Quanto à nostalgia, ela não era, para os brasileiros de então, um estado de espírito desconhecido (como não o era, para os portugueses, a saudade, palavra que, segundo o rei dom Duarte, só existiria no idioma luso).

Resguardar interesses

Como resultado das lutas políticas que cercaram o processo de independência, vários líderes tiveram de se exilar, entre eles, José Bonifácio de Andrada e Silva e José da Natividade Saldanha, autor de *Poemas oferecidos aos amantes do Brasil*. O grande poema da época foi “A canção do exílio”, de Gonçalves Dias, que, embora não exatamente exilado, à época vivia em Portugal.

Mas Macedo não estava só interessado na nostalgia da elite. Interessava-lhe também a saudade que os escravos negros, principalmente os do campo, sentem da África. E aí surge um posicionamento imprevisto: a nostalgia poderia ser um perigo, a “fatal inimiga da agricultura do Brasil”, diminuindo a produtividade da mão-de-obra. Dizem os organizadores que, “longe de qualquer projeto humanitarista (...), o que Macedo tem em mira é resguardar os interesses” dos proprietários de escravos.

De qualquer maneira, o escritor condenava a escravidão por ter provocado a degradação moral e física dos africanos. Uma visão tipo “crime não compensa” e que levaria, décadas depois, à substituição dos escravos pelos emigrantes europeus.

Finalmente, deve-se assinalar que a tese de Macedo coincide com a construção do primeiro hospício do país. Iniciava-se a era do alienismo, que Machado viria a satirizar em *O alienista*. Tanto do ponto de vista médico, como literário e político, Joaquim Manoel de Macedo reflete bem a sua época. O que confere um atrativo especial à leitura de sua tese. É um exercício de nostalgia, mas é um mergulho, rápido mas surpreendente, na história de nosso país.